DO SENSO COMUM AO CONHECIMENTO CIENTÍFICO: REFLEXÕES SOBRE DIFERENTES SABERES E SUA VALORIZAÇÃO A PARTIR DA EXPERIÊNCIA DE MONITORIA

Autaci Ribeiro da Ponte Neta [1]

Judite Dalila Aguiar Silva [2]

Israel Rocha Brandão [3]

[1]Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)
autaciribeiroponte@gmail.com

[2]Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)
juditedalilaasilva@gmail.com

[3]Universidade Estadual Vale do Acaraú, (UVA), Sobral (CE)
israel_brandao@uvanet.br

Resumo:

Este trabalho apresenta um relato de experiência da monitoria realizada na disciplina Tópicos de Pesquisa II: Fundamentos Epistemológicos da Ciência, no semestre de 2024.2, no curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú. O estudo buscou compreender como diferentes formas de conhecimento, especialmente: senso comum, mito, fábula, teologia, religião, filosofia e ciência se articulam no processo educativo, destacando que nenhum saber é superior aos demais e que todos contribuem para a compreensão da realidade e para a formação docente. A metodologia adotada caracteriza-se como qualitativa, baseada na observação participante, nas anotações em diário de campo, como também nos registros descritivos das atividades de monitoria e pesquisa bibliográfica sobre os diferentes tipos de conhecimento. A atuação dos monitores consistiu em acompanhar aulas, apoiar estudantes, participar de discussões e colaborar com o professor na mediação do ensino, promovendo a articulação entre teoria e prática. Os resultados evidenciam que o senso comum fundamenta a aprendizagem e orienta ações cotidianas; o mito preserva tradições e valores culturais; a fábula transmite lições morais e fortalece o senso crítico; a teologia e a religião promovem reflexão sobre a vida, a moral e a espiritualidade; a filosofia estimula questionamento e autonomia; e a ciência sistematiza o conhecimento por meio da investigação. Portanto, a experiência de monitoria mostrou-se essencial para o desenvolvimento de habilidades pedagógicas, comunicação, responsabilidade e pensamento crítico. Conclui-se que valorizar a diversidade de saberes enriquece a prática educativa, promove a construção coletiva do conhecimento e prepara os futuros docentes para atuar de forma crítica, ética e consciente, integrando teoria, prática e reflexão sobre a realidade social.

Palavras-Chave: Monitoria acadêmica. Diversidade de saberes. Formação docente.

Introdução

Este relato de experiência baseia-se em uma experiência acadêmica realizada no semestre

2024.2, entre outubro de 2024 e março de 2025, durante a monitoria da disciplina Tópicos de Pesquisa II: Fundamentos Epistemológicos da Ciência, componente obrigatório do curso de Pedagogia da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). A vivência da monitoria constituiu-se como um espaço formativo de acompanhamento pedagógico, mediação do conhecimento e apoio aos estudantes, possibilitando não apenas o aprofundamento dos conteúdos da disciplina, mas também a reflexão sobre o processo de construção dos diferentes saberes.

O processo de construção do saber humano é marcado por uma diversidade de formas de conhecimento que permeiam a vida cotidiana, a história e a prática educativa. Desde o senso comum, presente nas experiências e tradições do dia a dia, até o conhecimento científico, sistematizado e fundamentado na observação e na experimentação, cada tipo de saber contribui de maneira singular para a compreensão do mundo e para o desenvolvimento do pensamento crítico.

De acordo com Arnt e Scherre (2021), a ecologia de saberes destaca a importância de reconhecer e valorizar diferentes formas de conhecimento, como os saberes científicos, humanísticos, acadêmicos e populares, assim como as tradições de outras culturas. Esse reconhecimento exige diálogo entre os diversos tipos de saberes e abertura para novas formas de aprender, trocar ideias e se relacionar, criando oportunidades de compreensão mútua e respeito entre pessoas e grupos diferentes. A ecologia de saberes mostra que nenhum conhecimento é mais importante que outro e que todos podem se complementar, oferecendo contribuições únicas para a vida e para a sociedade. Desta maneira, a ecologia de saberes mostra que aprender não depende apenas da ciência ou do conhecimento acadêmico, mas de diferentes formas de saber que se complementam. Valorizar esses saberes diversos permite que pessoas e grupos compartilhem experiências e aprendam uns com os outros, promovendo respeito e compreensão das situações do cotidiano. Isso ajuda a tornar o aprendizado mais próximo da realidade, útil para a vida prática e para a convivência com outras pessoas. Além disso, essa abordagem incentiva a construção coletiva do conhecimento, mostrando que todos os tipos de saber têm importância e podem contribuir para formar pessoas mais conscientes.

Nesse contexto, este trabalho surgiu da motivação de compreender que as diferentes formas de conhecimento como o senso comum, o mito, a fábula, a teologia, a religião, a filosofia e a ciência não são superiores ou inferiores entre si, mas possuem importância e contribuições específicas para a compreensão da realidade e para a vida em sociedade. Além disso, o estudo também foi motivado pela reflexão sobre o papel da monitoria como um espaço de mediação, aprendizagem e construção do saber. Assim, as discussões teóricas sobre os diferentes tipos de conhecimento dialogam diretamente com as vivências construídas no cotidiano da monitoria.

O problema investigado neste estudo está no fato de que, muitas vezes, dá-se mais importância ao conhecimento científico, deixando de lado outras formas de saber, como o senso

comum, os mitos, as fábulas, a filosofia, a teologia e a religião. Essa visão limitada pode levar a uma compreensão incompleta do conhecimento humano, fazendo com que a diversidade de saberes seja desvalorizada. Por isso, é fundamental reconhecer que nenhum tipo de conhecimento é superior a outro e que todos têm um papel importante na sociedade. Valorizar essa pluralidade contribui para uma educação mais crítica e reflexiva, ajudando a compreender e respeitar as diferentes formas de conhecimento que fazem parte da vida em sociedade. Nesse sentido, a prática da monitoria mostrou-se um espaço no qual foi possível observar, na prática, como esses saberes se articulam no processo de ensino-aprendizagem.

É de grande importância destacar que a monitoria acadêmica é uma experiência muito enriquecedora, pois representa, para muitos estudantes, o primeiro contato com a prática docente. Nessa perspectiva, segundo Vieira (2023), a participação no Programa de Monitoria contribui para que o discente construa sua identidade docente, desenvolvendo habilidades como responsabilidade, autonomia, criticidade, ética e competência, que enriquecem sua formação e sua prática profissional. Nesse contexto, percebe-se que o monitor não assume o papel de professor, mas atua como colaborador no processo de ensino-aprendizagem, auxiliando o docente na orientação dos discentes, no esclarecimento de dúvidas, no acompanhamento das atividades acadêmicas e no apoio às demandas da disciplina. Essa atuação favorece a interação entre professor e estudantes e contribui para a melhoria da aprendizagem.

Desta maneira, a experiência possibilita o contato mais próximo com a rotina acadêmica, o auxílio ao professor na orientação dos colegas, o apoio na realização de atividades e o esclarecimento de dúvidas, fortalecendo a relação entre teoria e prática. Além disso, a monitoria favorece a reflexão sobre diferentes formas de conhecimento e amplia a compreensão do processo de ensino-aprendizagem. Para o monitor, essa vivência contribui para o desenvolvimento de responsabilidade, do pensamento crítico, da comunicação e do diálogo, aspectos essenciais para a formação profissional na área da educação, evidenciando que os diversos saberes se complementam e possuem igual importância.

A partir dessa compreensão, é crucial destacar o percurso metodológico, no qual, este trabalho caracteriza-se como um relato de experiência de abordagem qualitativa, construído a partir das vivências da monitoria na disciplina Tópicos de Pesquisa II: Fundamentos Epistemológicos da Ciência.

Durante a monitoria, atuamos diretamente no processo de aprendizagem, auxiliando o professor e os estudantes nas atividades desenvolvidas em sala de aula. Nossa atuação concentrou-se no acompanhamento das aulas e no auxílio ao professor durante as atividades da disciplina, oferecendo apoio sempre que necessário para o desenvolvimento das ações pedagógicas. Também prestamos suporte aos estudantes de forma pontual, orientando na realização de exercícios e

colaborando quando surgiam dúvidas específicas. Além disso, participamos das discussões propostas em sala, contribuindo com opiniões, observações e reflexões relacionadas aos temas estudados, de modo a somar ao diálogo coletivo e à construção do conhecimento. Essa vivência possibilitou não apenas colaborar com o processo de aprendizagem da turma, mas também fortalecer nossa própria formação acadêmica e profissional, ao proporcionar maior contato com a dinâmica da sala de aula, com as práticas de ensino e com as responsabilidades que envolvem o trabalho docente.

Para registrar a experiência, utilizamos a observação participante, anotações em diário de campo e registros descritivos das atividades realizadas, além de reflexões sobre as situações vivenciadas. Posteriormente, esses registros foram organizados e analisados de forma reflexiva. Além das vivências práticas proporcionadas pela monitoria, este relato de experiência também contou com pesquisa bibliográfica, por meio do estudo de autores que discutem as diferentes formas de conhecimento, como o senso comum, o mito, a fábula, a filosofia, a teologia, a religião e a ciência.

O objetivo geral deste trabalho é relatar a experiência vivenciada durante a monitoria na disciplina Tópicos de Pesquisa II. Como objetivos específicos, busca-se: refletir sobre a importância das diferentes formas de conhecimento como o senso comum, o mito, a fábula, a teologia, a religião, a filosofia e a ciência, reconhecendo suas contribuições para a compreensão da realidade e para a vida em sociedade e evidenciar a monitoria como prática educativa fundamental para a formação de futuros docentes.

Desenvolvimento

A experiência acadêmica vivenciada na monitoria da disciplina Tópicos de Pesquisa II: Fundamentos Epistemológicos da Ciência, durante o semestre 2024.2, possibilitou um aprofundamento significativo na compreensão dos diferentes tipos de saberes e suas contribuições para a construção do conhecimento humano. A monitoria teve como objetivo não apenas acompanhar o desenvolvimento dos estudantes, mas também incentivar reflexões sobre como o senso comum, o mito, a fábula, a teologia, a religião, a filosofia e a ciência se articulam no processo de aprendizagem, evidenciando que nenhum conhecimento é intrinsecamente superior aos demais.

Desta maneira, ao aprofundar nosso entendimento sobre esses saberes, podemos iniciar pelo senso comum, que pode ser compreendido como um tipo de conhecimento que surge da experiência cotidiana das pessoas. Ele é espontâneo, ou seja, se forma naturalmente a partir do dia a dia, sem necessidade de estudo. Também é útil no cotidiano, pois orienta nossas ações e decisões no dia a dia, e é transmitido de geração em geração através da cultura, tradições e costumes. Além disso, o senso comum é compartilhado socialmente, influenciando a forma como interpretamos o mundo e agimos antes mesmo de adquirirmos um conhecimento mais científico. Segundo Germano (2010,

p. 124), o pensamento do senso comum distingue-se do pensamento científico por estar diretamente relacionado às vivências cotidianas:

> O senso comum tem suas próprias características e, ao contrário do pensamento científico que, de maneira ideal, pode ser compreendido independentemente do conteúdo e através de formalizações lógico-matemáticas, o pensamento comum, não pode ser dividido em dois; o conteúdo infecta o raciocínio, tornando-o plausível e, sem isso, a forma torna-se incompreensível e sem sentido. É na infância que, muito cedo, a marca do senso comum é adquirida, justamente através da comunicação oral.

Compreende-se que o senso comum nasce das experiências do dia a dia e da convivência com outras pessoas, formando-se desde a infância por meio da fala, dos costumes e das relações sociais. Por estar ligado à realidade das pessoas, esse conhecimento torna-se natural e próximo da vida de todos, orientando a maneira como elas pensam, interpretam o mundo e tomam decisões no cotidiano. Assim, o senso comum influencia comportamentos, escolhas e atitudes, funcionando como uma base inicial para a construção de outros conhecimentos ao longo da vida.

Nessa mesma perspectiva, de acordo com Rios (2007), o senso comum não deve ser considerado inferior à ciência, pois foi suficiente para a sobrevivência humana por milhares de anos. Ressaltando-se que a ciência, apesar de sua importância e desenvolvimento nos últimos séculos, surgiu para resolver problemas que já eram enfrentados no âmbito do senso comum. Ou seja, o conhecimento científico não surge do nada, mas se apoia nas experiências e saberes que as pessoas já possuem. Dessa forma, toda aprendizagem, seja científica ou acadêmica, deve partir do conhecimento prévio do aprendiz, utilizando o senso comum como base para compreender conceitos mais complexos e para orientar a construção de novos saberes.

Nesse sentido, entende-se que o senso comum não é apenas um conhecimento cotidiano, mas também um ponto de partida essencial para a educação e para o desenvolvimento do pensamento crítico. Ele funciona como uma base sobre a qual construímos conhecimentos, ajudando a ter uma melhor compreensão do mundo e a desenvolver nosso pensamento. Ao valorizar o que cada pessoa já sabe, torna-se mais fácil aprender de uma maneira que faça sentido e que possa ser aplicado no dia a dia, conectando o que a pessoa já vivenciou com os novos aprendizados.

Isso pode ser confirmado por Freire (2013), que defende que a educação que busca ser libertadora não pode se realizar em modelos autoritários, típicos da chamada educação bancária, nos quais o professor é visto como único detentor do conhecimento e o aluno é apenas um receptor passivo. A educação libertadora depende do diálogo, que permite superar a separação entre educador e educando. Nesse processo, ambos se tornam sujeitos ativos: o educador aprende enquanto ensina, e o educando também ensina ao aprender. Pois a educação verdadeira, ocorre em comunhão, mediada pelo mundo e pelos objetos de conhecimento, e não pela simples transferência de informações do educador para o educando.

Diante desse cenário, é imprescindível que o docente valorize o que cada pessoa já sabe, assim o aprendizado se torna uma experiência de construção juntos. Partindo das vivências de cada um, cria-se um espaço em que ideias são compartilhadas e discutidas, fazendo com que todos aprendam e também ensinem ao mesmo tempo. Isso ajuda a desenvolver o pensamento crítico e a autonomia de quem aprende, tornando a educação mais significativa. Aprender assim não é só receber informação, mas participar de um processo em que todos contribuem e crescem juntos, conectando o que já sabem com o que estão descobrindo.

Já o mito é um tipo de narrativa tradicional criada pelos povos antigos para explicar a origem do mundo, dos fenômenos da natureza, da vida humana e dos costumes sociais. Essas histórias geralmente envolvem deuses, herois ou forças sobrenaturais e não têm base científica, mas simbólica e cultural. Por meio dos mitos, as sociedades transmitem crenças, valores e ensinamentos de geração em geração, ajudando as pessoas a compreender a realidade e a organizar sua visão de mundo.

De acordo com Rocha (2017), o mito pode ser compreendido como uma narrativa, um modo de falar e de contar histórias por meio do qual as sociedades expressam seus sentimentos, conflitos, contradições, dúvidas e inquietações. Além de transmitir experiências coletivas, o mito também funciona como uma forma de pensar sobre a existência humana, o universo, as maneiras de estar no mundo e as relações que as pessoas constroem na vida em sociedade. Assim, o mito pode ser entendido como uma forma de explicar o mundo e as experiências humanas por meio de narrativas, nas quais as sociedades expressam seus medos, crenças e valores.

Sendo assim, é crucial ressaltar que o mito é um conhecimento importante na sociedade, pois ajuda a preservar tradições, valores e crenças, além de oferecer formas de entender a vida e as experiências humanas. Ele contribui para a construção da identidade cultural e fortalece a convivência em grupo. Da mesma forma, é necessário destacar que outros tipos de conhecimento também são valiosos, cada um tem sua função e significado, mostrando assim que nenhum saber é superior ao outro e que todos, juntos, ajudam a sociedade a compreender e organizar a vida.

Assim como o mito ajuda a explicar a vida e a transmitir valores, a fábula também cumpre esse papel, usando histórias para ensinar lições e refletir sobre comportamentos. A fábula é uma narrativa curta, geralmente em prosa ou verso, que transmite uma lição ou ensinamento moral. Ela costuma apresentar personagens simbólicos, muitas vezes animais que falam e agem como seres humanos, e utiliza situações simples para ilustrar comportamentos e valores. As fábulas têm como característica principal a objetividade e a clareza, tornando a mensagem fácil de compreender, e seu propósito é educativo, ajudando as pessoas a refletirem sobre ações e atitudes. Além disso, a fábula, assim como outros tipos de conhecimento, cumpre um papel importante na sociedade, mostrando que diferentes formas de aprender e compreender o mundo estão presentes na sociedade, cada uma

com sua função, sem que uma seja superior à outra. Essa compreensão sobre a fábula é reforçada por Portella (1983, p. 121), que a define da seguinte forma:

> A fábula é uma narração breve, em prosa ou em verso, cujos personagens são, via de regra, animais e, sob uma ação alegórica, encerra uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado. Tem a fábula, portanto, duas partes substanciais: a) uma narrativa breve, b) uma lição ou ensinamento.

Dessa forma, a fábula se apresenta como uma narrativa curta que vai muito além de uma simples história: ela combina entretenimento e aprendizado, permitindo que ensinamentos sobre ética, comportamento e valores sociais sejam transmitidos de maneira envolvente. Ao utilizar animais como personagens, a fábula cria situações simbólicas que refletem atitudes humanas, tornando mais fácil compreender os princípios que estão sendo apresentados. Além disso, a fábula nos convida a refletir sobre o ensinamento que ela traz: ao percebermos que certas atitudes não são corretas ou que determinadas ações podem trazer consequências negativas, passamos a refletir sobre nosso próprio comportamento. Esse processo de reflexão faz com que levemos essas lições para a vida cotidiana, ajudando-nos a tomar decisões melhores e a agir de maneira mais consciente. Assim, a fábula não cumpre apenas o papel de entreter: ela fortalece o senso crítico, a compreensão de valores e a consciência social, mostrando sua importância na formação moral e cultural das pessoas e da sociedade.

Já a teologia é o estudo que busca compreender Deus, o divino e tudo o que é considerado sagrado dentro das religiões. Ela não se limita apenas a estudar textos religiosos, mas também investiga como as pessoas vivem a fé, como entendem os ensinamentos religiosos e como esses ensinamentos influenciam a vida, a moral e as decisões no dia a dia. A teologia ajuda a refletir sobre perguntas profundas, como o sentido da vida, o que é certo ou errado, e o papel do ser humano no mundo, sempre a partir de uma perspectiva religiosa. Assim, ela funciona como uma ponte entre o conhecimento humano e as experiências espirituais, mostrando como a fé se conecta com a cultura, a sociedade e a vida das pessoas.

Segundo Libanio (2020), o termo teologia vem da combinação dos termos gregos Theós e logía, que significam, respectivamente, Deus e ciência ou saber. Isso indica que o foco central da teologia é Deus, sendo qualquer reflexão teológica, de alguma forma, uma referência a ele. A palavra logía sugere que a teologia envolve discurso, conhecimento e estudo sistemático, ou seja, trata-se de uma forma de colocar Deus em um discurso humano e de organizar o saber sobre a divindade de maneira estruturada. Além disso, é notório que a teologia mostra que é possível estudar o divino de forma organizada e sistemática, assim como outras áreas do conhecimento estudam o mundo e a realidade. Ela é importante porque nos ajuda a compreender ideias sobre Deus e sobre a vida, permitindo que o ser humano pense, faça reflexões e organize suas crenças. Dessa forma, a teologia

se apresenta como um conhecimento sério, que combina reflexão, estudo e experiência humana, sendo fundamental para quem deseja entender não apenas a religião, mas também os valores, princípios e sentidos que orientam a vida das pessoas.

A religião pode ser compreendida como um conjunto de crenças, práticas e valores que ligam as pessoas a algo considerado sagrado ou divino. Ela existe em diferentes formas e tradições ao redor do mundo, oferecendo explicações sobre a vida, a morte e o sentido da existência. A religião proporciona uma forma de se conectar com o espiritual, de encontrar conforto em momentos difíceis e de criar laços comunitários.

A importância da religião está relacionada à sua função social e individual. Para a sociedade, ela ajuda a organizar comportamentos, transmitir valores éticos e morais e fortalecer a convivência entre as pessoas. Para o indivíduo, a religião pode oferecer orientação, esperança, sentido de propósito e apoio emocional. Além disso, a religião influencia a cultura, a arte e a história, moldando costumes e tradições que permanecem ao longo do tempo. Assim, a religião não se limita apenas à fé em seres divinos, mas também desempenha um papel fundamental na vida das pessoas, ajudando a compreender o mundo.

Desta maneira, o objetivo da religião vai além de oferecer explicações sobre o mundo ou regras de comportamento, ela também proporciona às pessoas força, conforto e esperança para enfrentar dificuldades e sofrimentos. Por meio da fé, os indivíduos encontram coragem para lidar com os desafios da vida e sentem-se apoiados emocionalmente. Embora as práticas e formas de expressão religiosa possam se transformar ao longo do tempo, a religião permanece como um meio pelo qual as pessoas se conectam com o divino, fazem promessas ou buscam orientação diante de situações difíceis.

De acordo com Alves (2010), a religião não está nas coisas ou gestos em si, mas surge da capacidade humana de dar significado ao mundo ao seu redor. Objetos, lugares, gestos e rituais só se tornam sagrados porque os homens lhes atribuem valor e importância. Através desses símbolos, as pessoas conseguem organizar suas experiências, lidar com o medo e com a incerteza da vida, e criar um sentido para a existência. Assim, mesmo coisas comuns ou inertes como pedras, plantas ou gestos cotidianos passam a fazer parte de uma rede de significados que ajuda o homem a enfrentar os desafios, ao mesmo tempo em que constrói um mundo mais seguro e compreensível. Nesse sentido, a religião pode ser entendida como uma forma de o ser humano dar sentido à própria vida e ao mundo em que vive. Mais do que objetos ou rituais, ela envolve sentimentos, crenças e significados que ajudam as pessoas a lidar com o medo, a dor e as dúvidas do dia a dia. Assim, por meio dos símbolos e das práticas religiosas, o indivíduo encontra conforto, orientação e esperança, construindo uma maneira mais segura e tranquila de compreender a existência e enfrentar os desafios da realidade.

Já a filosofia é um campo de conhecimento que busca compreender a realidade por meio da reflexão, do pensamento crítico e do questionamento. Em vez de aceitar ideias prontas, ela incentiva a perguntar o porquê das coisas. E questionar é essencial para pensar melhor e não aceitar tudo de forma automática, pois é justamente nesse processo de reflexão que construímos entendimentos mais conscientes. Por isso, a importância da filosofia está em desenvolver o senso crítico, a autonomia de pensamento e a capacidade de argumentar, contribuindo para formar pessoas mais críticas, responsáveis e participativas na sociedade. Assim, o conhecimento filosófico começa com a dúvida, o diálogo e a busca racional por explicações. Nesse sentido, Chaui (1995, p. 24) explica que a filosofia tem origem na atitude de questionar e de buscar compreender o mundo por meio da razão:

> A Filosofia surge, portanto, quando alguns gregos, admirados e espantados com a realidade, insatisfeitos com as explicações que a tradição lhes dera, começaram a fazer perguntas e buscar respostas para elas, demonstrando que o mundo e os seres humanos, os acontecimentos e as coisas da Natureza, os acontecimentos e as ações humanas podem ser conhecidos pela razão humana, e que a própria razão é capaz de conhecer-se a si mesma. Em suma, a Filosofia surge quando se descobriu que a verdade do mundo e dos humanos não era algo secreto e misterioso, que precisasse ser revelado por divindades a alguns escolhidos, mas que, ao contrário, podia ser conhecida por todos, através da razão, que é a mesma em todos; quando se descobriu que tal conhecimento depende do uso correto da razão ou do pensamento e que, além da verdade poder ser conhecida por todos, podia, pelo mesmo motivo, ser ensinada ou transmitida a todos.

Nesse sentido, é possível evidenciar que a Filosofia surge quando o ser humano começa a olhar para a realidade com curiosidade e inconformismo, deixando de aceitar respostas prontas e passando a investigar por conta própria. Ao destacar o uso da razão como principal caminho para compreender o mundo é crucial ressaltar que o conhecimento não é privilégio de poucos, mas uma possibilidade aberta a todos. Assim, filosofar passa a significar refletir, questionar e buscar explicações fundamentadas no pensamento, de modo que o que é aprendido possa ser compartilhado, discutido e ensinado entre as pessoas.

Por último, a ciência, caracterizada por ser uma forma de conhecimento voltada para compreender, explicar e interpretar a realidade por meio de investigações sistemáticas. Ela se baseia na observação, na formulação de perguntas, na pesquisa, na análise de dados e na verificação de resultados, buscando construir explicações fundamentadas em evidências. O conhecimento científico é organizado, crítico e está sempre aberto à revisão, podendo ser ampliado ou reformulado conforme novas descobertas surgem.

Desta forma, de acordo com Vani (2024), o conhecimento científico possui características próprias que orientam a maneira como ele é construído. Ele busca compreender os fatos com cuidado, evitando opiniões pessoais ou julgamentos, procurando analisar a realidade de forma mais neutra. Além disso, suas conclusões podem ser testadas por meio de observações e experimentos, o

que permite confirmar ou rever os resultados quando necessário. Esse tipo de conhecimento também pode ser aplicado em diferentes situações, pois tenta explicar os fenômenos de modo mais amplo. Outra característica importante é a organização: o conhecimento científico segue etapas e métodos bem definidos para coletar e analisar os dados. Assim, essas características mostram como o saber científico é produzido, da mesma forma que outros tipos de conhecimento também têm suas próprias maneiras de explicar e entender o mundo.

Sendo assim, é necessário destacar que esse tipo de conhecimento nos mostra como a ciência busca ser confiável, baseando-se em observações e experimentos. Ele nos ajuda a compreender o mundo de forma organizada, permitindo aplicar descobertas em diferentes situações e mudar nossas ideias quando aparecem novas evidências. Dessa forma, o conhecimento científico se apresenta como uma forma estruturada de explorar a realidade, mostrando que entender os fenômenos depende de métodos claros e verificáveis, sem desvalorizar que outros tipos de saber também contribuem para nosso entendimento da vida e da sociedade.

Desta maneira, a experiência adquirida durante a monitoria permitiu perceber que todos os tipos de conhecimento senso comum, mito, fábula, teologia, religião, filosofia e ciência têm importância para a sociedade atual, pois cada um contribui de forma diferente para a compreensão do mundo, a convivência entre as pessoas e a construção de valores e ética. Nenhum saber é superior ao outro, e todos ajudam a orientar ações, decisões e relações sociais, mostrando que a diversidade de conhecimentos é essencial para viver em comunidade.

Nesse contexto, a monitoria se mostrou fundamental para a nossa formação como futuras docentes, pois possibilitou vivenciar a prática educativa nos proporcionando um desenvolvimento nas habilidades de comunicação, responsabilidade e pensamento crítico. A monitoria nos deu a oportunidade de praticar na área o que estudamos na teoria. Ao passar por essa experiência, percebemos como ela é importante, porque nos ajuda a aprender na prática e a nos preparar melhor para atuar como professoras no futuro. Além disso, fortalece nossa confiança e nos ensina a lidar com diferentes situações dentro do ambiente acadêmico, na própria universidade, já que é ali que vivenciamos o trabalho docente. Como reforço dessa ideia, Setti e Oliveira (2024, p.238) destacam que:

> A monitoria não apenas permite que os alunos assumam um papel ativo em seu próprio processo de aprendizagem, mas também promove uma maior autonomia e responsabilidade no desenvolvimento de habilidades pedagógicas e na aplicação prática dos conhecimentos adquiridos durante a graduação. Dessa forma, a monitoria emerge como uma prática valiosa na formação acadêmica, complementando e enriquecendo as experiências proporcionadas pelo estágio supervisionado e outros componentes curriculares tradicionais.

Nesse contexto, percebe-se que a monitoria vai além de uma simples atividade complementar, funcionando como um espaço de aprendizagem e reflexão. Além disso, a monitoria contribui diretamente para o desenvolvimento da autonomia e da responsabilidade dos estudantes,

permitindo que consolidem habilidades pedagógicas. Consequentemente, a experiência de monitoria complementa os demais componentes curriculares, reforçando a integração entre teoria e prática e preparando o estudante de maneira mais sólida para o momento que for exercer seu trabalho, podendo assim se sentir mais seguro e capacitado para contribuir no desenvolvimento e aprendizagem de todas as pessoas.

Conclusões

Portanto, conclui-se que a monitoria permite aprofundar a compreensão das diferentes formas de conhecimento e evidência que todos os saberes: senso comum, mito, fábula, teologia, religião, filosofia e ciência possuem importância e contribuem de maneira complementar para a compreensão da realidade. O senso comum fundamenta a aprendizagem e orienta ações cotidianas, enquanto o mito preserva tradições, valores e identidade cultural. A fábula fortalece o senso crítico e transmite ensinamentos morais de forma acessível. A teologia organiza o conhecimento religioso e promove reflexões sobre a vida e a moral. A religião oferece sentido, conforto e orientação para a vivência individual e coletiva. A filosofia estimula o questionamento, o pensamento crítico e a autonomia. A ciência investiga a realidade de forma sistemática, produzindo explicações fundamentadas em evidências.

Diante disso, a experiência de monitoria evidencia que a articulação entre esses saberes enriquece o processo educativo e favorece a construção coletiva do conhecimento. A atuação como monitoras contribuiu para a mediação do ensino, para o acompanhamento das atividades acadêmicas e para o apoio aos estudantes, consolidando a prática pedagógica em diálogo constante com a teoria. Além disso, a monitoria desenvolve habilidades essenciais para a formação docente, como responsabilidade, criticidade, comunicação e autonomia, permitindo que os futuros professores compreendam e apliquem os diferentes tipos de conhecimento em contextos educativos.

Por meio dessa vivência, percebe-se que valorizar a diversidade de saberes amplia a compreensão da realidade, fortalece a convivência social e possibilita uma prática educativa mais reflexiva. A monitoria, portanto, constitui-se como um espaço formativo, no qual teoria e prática se articulam, preparando os futuros docentes para atuar de forma crítica, ética e consciente no exercício de sua profissão.

Referências Bibliográficas

ALVES, Rubem A. **O que é religião**?. Edições Loyola, 2010.

ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula. **Dicionário**: rumo à civilização da religação e ao bem viver. Fortaleza-CE: Editora da UECE, 2021.

CHAUI, Marilena. **Convite à filosofia** [em linha]. mar. 1995.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Ciência e senso comum: entre rupturas e continuidades. **Caderno Brasileiro de Ensino de Física**, v. 27, n. 1, p. 115-135, 2010.

LIBANIO, João Batista. **Introdução à teologia**. Edições Loyola, 2020.

PORTELLA, Oswaldo O. A fábula. **Revista Letras**, v. 32, p. 119-138, 1983.

RIOS, Ediara Rabello Girão et al. Senso comum, ciência e filosofia: elo dos saberes necessários à promoção da saúde. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, p. 501-509, 2007.

ROCHA, Everardo. **O que é mito.** Brasiliense, 2017.

SETTI, Gabriel Augusto Miranda; OLIVEIRA, Luiz Emanuel da Silva de. O impacto da monitoria acadêmica na trajetória da formação profissional. In: **A multidisciplinaridade em foco: ensino, pesquisa e extensão - volume 1.** Editora Científica Digital, 2024. p. 233-244.

VANI, João Paulo. Conhecimento científico: uma breve reflexão. **Themis Revista Jurídica**, v. 4, n. 8, p. 149-173, 2024.

VIEIRA, Larissa da Silva Cavalcante et al. Programa de Monitoria: desafios, saberes e contribuições à iniciação docente. 2023.